

interações que os filmes e a intervenção de vocês podem despertar. Afinal, para ficarmos mais uma vez com Paulo Freire,

“Ninguém liberta ninguém. Ninguém se liberta sozinho. Os homens só se libertam em comunhão.”

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro 1948. A DUDH, em conjunto com o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos e seus dois Protocolos Opcionais (sobre procedimento de queixa e sobre pena de morte) e com o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais e seu Protocolo Opcional, formam a chamada Carta Internacional dos Direitos Humanos. A íntegra do documento está em <http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>.

2. Circuito Universitário de Cinema

Apresentaremos agora algumas informações e materiais com o objetivo de apoiar a discussão dos filmes selecionados para o projeto. Proporemos ainda questões que os filmes suscitem e que podem ser discutidas durante os debates. Lembrando que não é necessário abordar todas elas e muitas vezes não haverá tempo para tal. É preciso levar em conta também que outras questões não mencionadas aqui podem surgir nos debates. Apresentamos um guia, uma referência e não uma camisa-de-força ou uma moldura rígida para a condução das sessões.

2.1. Precisamos falar do assédio

2.1.1. Ficha técnica

Ano: 2016

Gênero: Documentário

Direção: Paula Sacchetta

Fotografia: Francisco Orlandi Neto

Edição: André Bomfim, Bruno Horowicz

Produtora realizadora: Mira Filmes

Duração: 80 min

2.1.2. Sinopse e elementos do contexto histórico

Na semana da mulher, entre 7 e 14 de março de 2016, uma van-estúdio percorreu nove locais em São Paulo e no Rio de Janeiro. O objetivo era coletar depoimentos de mulheres vítimas de qualquer tipo de assédio. Ao todo, 140 mulheres quiseram falar. São relatos de mulheres de 15 a 84 anos, de zonas nobres ou periferias das duas cidades, de classes sociais, raças, idades e orientações sexuais diversas. Em suas narrativas, diferenças e semelhanças nas formas de experimentar a violência que acontece todos os dias e que pode se dar dentro de casa, em um beco escuro ou no meio da rua, à luz do dia, na escola, nos transportes públicos, em lugares públicos ou privados. O filme traz 26 desses depoimentos, selecionados a partir da diversidade como critério, gerando uma amostra significativa. Não há diálogos ou intervenções durante as falas das mulheres, que se assemelham a desabaços, ou confissões íntimas, sendo que muitas relatam ser aquela a oportunidade de falar do assédio pela primeira vez.

Os dados da violência de gênero no Brasil são alarmantes: em 2016 foi registrada uma média de 135 estupros por dia, contabilizando 4.497 casos no total, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Em 2015, a campanha #meuprimeiroassédio invadiu as redes sociais com depoimentos de mulheres que sofreram variados tipos de assédio, a maioria deles quando crianças ou adolescentes. A quantidade avassaladora de relatos constatou o que os números oficiais, ainda que subnotificados, expõem: a violência contra a mulher é algo generalizado no Brasil e temos uma forte cultura do estupro. Apesar da Lei Maria da Penha, as mulheres continuam a sofrer com a face mais cruel do machismo: a violação e humilhação de seus corpos.

Ao contrário do que se imagina, a violência não tem lugar somente na rua, entre desconhecidos. Companheiros e ex-companheiros, familiares, amigos, conhecidos ou vizinhos foram os responsáveis por 68% dos casos de violência física, 65% da violência psicológica e 38% da violência sexual sofrida por mulheres no estado do Rio de Janeiro em 2016, segundo a 12ª edição do Dossiê Mulher, publicada

Instituto de Segurança Pública (ISP) do estado do Rio de Janeiro. Pais, padrastos, parentes, conhecidos, amigos e vizinhos também foram acusados de 37% dos estupros de vulneráveis no período. No total, 2.226 meninas de até 14 anos foram vítimas de estupro, o que corresponde a 55,5% dos registros deste crime. Mais de 60% dos estupros e dos crimes de lesão corporal dolosa e 40% das tentativas de homicídio contra as mulheres ocorreram dentro de casa.

Nos relatos chocantes e tristes do filme, as narradoras falam de assédios sofridos em casa, na escola, no transporte público, na rua, hospital, em casa de amigos ou templos religiosos. As violências foram cometidas por parentes, amigos, professores, desconhecidos, líderes espirituais, profissionais de saúde. Muitas foram violadas ainda crianças ou adolescentes. O silêncio, a sensação de culpa, a solidão foi o que essas mulheres encontraram ao denunciar seus agressores. Muitas sequer tiveram coragem ou estrutura psicológica para denunciar. Por isso, a fundamental convocação do título do filme: precisamos falar do assédio. É preciso denunciar, falar, cuidar, apoiar. Construir uma cultura do respeito, livre de machismo, na qual a vítima não seja sempre suspeita de ser culpada pela violência sofrida. Afinal, lugar de mulher é onde ela quiser.

2.1.3. Questões para debate

- a) Como podemos relacionar a publicização de relatos de assédio com a chamada Primavera Feminista?
- b) Sabemos que romper com a naturalização de práticas de assédio contra mulheres depende de um processo educativo voltado para o respeito aos Direitos Humanos. Como relacionar Direitos Humanos e enfrentamento ao machismo? Em que filmes como este ajudam nesse processo?
- c) Durante os depoimentos, as mulheres choram, tremem, por vezes paralisam e precisam respirar fundo. Essas marcas no corpo duram para sempre. Como essa violência, de impacto tão profundo, pode ser naturalizada em nossa sociedade?

2.1.4. Materiais de apoio (documentos, trechos de livros, filmes)

a) Ótima reportagem que traz dados da violência doméstica no Brasil:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-08/dossie-mulher-maior-parte-da-violencia-contramulher-ocorre-dentro-de-casa>

b) A íntegra dos depoimentos coletados para o filme pode ser acessado neste link:

<https://precisamosfalardoassedio.com/>

c) O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2017, que traz dados atualizados sobre a violência contra a mulher, pode ser acessado neste link:

<http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/11o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>